

## Darcílio: so fantástico mil vezes pontilhado

Alexandre França

Darcílio está de volta. Com os mesmos pontos, feitos aos milhares com bico de pena e nanquim, que juntos formam imagens fantásticas, que misturam surrealismo e erotismo. Sete anos depois de sua última individual, no Gabinete de Artes Gráficas em São Paulo, Darcílio Lima volta com uma retrospectiva de desenhos e gravuras que será inaugurada hoje à noite na Casa de Cultura Laura Alvim. A exposição reúne 27 trabalhos, sendo 17 deles produzidos entre 1968 e 1978, e dez recentes, de 1984 para cá. A mostra é coordenada por Célia Resende, que reuniu as obras pertencentes a colecionadores particulares do Rio. Foi ela também que trouxe o artista para cá. Darcílio estava vivendo em sua cidade natal — Cascavel no Ceará — sem dinheiro e desenhando em folhas de computador.

Considerado o introdutor do realismo fantástico no Brasil, dono de um estilo personalíssimo e de uma técnica refinada, Darcílio Lima é um autodidata, e apresentou seus trabalhos pela primeira vez em 1967, no Salão de Arte Contemporânea de Campinas. Era um completo desconhecido, mas a decisão do júri foi unânime e a Grande Medalha de Ouro, o maior prêmio, foi para ele. No mesmo ano conheceu o pintor Ivan Serpa, em cujo atelier trabalhou por



Darcílio Lima volta ao Rio com uma retrospectiva de desenhos e gravuras, cuja inauguração será hoje na Casa de Cultura Laura Alvim: surrealismo e erotismo a bico de pena

### Recolhimento de dia. À noite é diferente, hora do homem-sombra

18 meses, e fez sua primeira individual no Rio. Em 1969 teve isenção de júri no Salão Nacional de Arte Moderna, onde, dois anos depois, recebeu o Prêmio de Viagem ao Exterior, que ele definiu como o reconhecimento de sua verdade, como explicou à época: "Minha obra é o prolongamento da verdade que, como mancha indelével, acompanha o homem através do espaço ante uma idade psicológica. É a arte-reflexo que gera polêmica e crítica por ser um trabalho de traço certo que transcreve mundos dentro de um excelente grau cultural".

Com o prêmio, Darcílio foi para Paris, onde viveu dois anos. Voltou ao Brasil, e em 1975 editou o livro

"Diafragma", com 25 reproduções, cujos originais expôs na Galeria Bonino. A seguir entrou em um período de recolhimento, do qual saiu apenas em 1979, com a exposição no Gabinete de Artes Gráficas, em São Paulo. Então Darcílio desapareceu mais uma vez, para ser encontrado apenas ano passado, vivendo em Cascavel, e produzindo desenhos enormes, pontilhados e coloridos. Segundo o artista, um recolhimento necessário, para, longe das pessoas, parar e pensar.

— Cascavel é onde nasci e onde deixei meus pais. Na época estava me desdobrando de uma forma, que só iria parar onde encontrasse competência. Vi isso em meus pais. Foi

um ato normal, porque achei que lá estaria completamente isolado, e isso era importante. Agora não quero mais perder tempo. Vou trabalhar e preparar minha continuidade. Estou no meu primeiro degrau, e quero que meu trabalho mostre um movimento natural, que ainda não chegou com a clareza que eu esperava.

Darcílio voltou, e está morando num hotel de Teresópolis, onde passa quase todo seu tempo, desenhando sem parar. Os trabalhos de hoje têm muitas cores, estão repletos de detalhes, às vezes divididos em diversos quadros, cenas. Ocupam toda a área do papel e ganharam uma moldura, ricamente desenhada (como aliás todo o resto), que isola o te-

ma central, eliminando a interferência do *passé partout*. Também aumentaram de tamanho e, para terminar cada obra, Darcílio precisa de cerca de 20 dias.

— Não almoço, faço apenas uma refeição no final do trabalho, porque essas pequenas interrupções atrasam o trabalho. Quando morava em Paris eu trancava a porta do apartamento e não falava nem com o porteiro. O artista precisa de recolhimento, que é algo que eu não tenho, por exemplo, para trabalhar à noite. De noite eu preciso de um clima diferente. Como um homem-sombra. Você tem que estar só, e isso eu ainda não consegui.

Mas para Darcílio o tempo é ne-

nele. Trabalha afastado da obra, situando os pontos de acordo com a luz do sol, num jogo calculado de efeitos luminosos. O importante para o artista, mais que os personagens, é a textura da cena, trabalhada em um papel áspero, próprio para gravura.

— Eu trabalhava com o papel Fabiano, muito liso, de textura que me soa falsa. Agora trabalho com o Archer, que descobri na França, e que tem uma textura especial. Foi com ele que consegui o melhor resultado, que descobri meu casamento, que senti mais decência, mais clareza. O Fabiano é rico, mas não é confiável: mancha, e as cores mudam muito. Ele me restringia muito, e com o Archer eu comecei a me soltar, a abrir mais o desenho. Agora sinto mais honestidade.

Foi por causa dessa busca da honestidade que Darcílio parou de apresentar seus trabalhos. Continuou desenhando, mas para si mesmo, procurando suas respostas. "Eu não quero ser benevolente com minhas atitudes, e quero que tudo o que eu penso esteja no papel. Quero dar uma forma de precisão, num trabalho que nada tenha de falso. É uma questão de dignidade, de honra". Nessa exposição na Casa de Laura Alvim, mesmo sem encontrar todas as respostas, Darcílio vê uma hones-

### São os raios do sol que calculam o jogo dos pontos luminosos

tidade. "As qualidades desse tiro certo que eu dei estão hoje cada vez mais perfeitas, e os trabalhos têm uma ordem. E a partir disso que eu quero dizer algo. Quero, com a maior brevidade, dar todas essas minhas expressões."

Os trabalhos de Darcílio Lima estarão em exposição de hoje até o dia 26 de junho, e podem ser vistos de segunda a sexta-feira, das 14h às 21h. Trabalhos que devem ser vistos com calma, em visitas longas, ou quem sabe levados para casa, para serem curtidors lentamente.

Darcílio desenha em pé, com o papel sobre a prancheta sem encostar

ALEXANDRE MARTINS